



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

Declaração Política

(Patriotismo Autonómico)

Senhor Presidente
Srs. Deputados
Srs. Membros do Governo

Venho aqui hoje com o firme propósito de, nesta declaração política, fazer um discurso de orgulho e de crença inabalável na minha Região e na minha Pátria.

Nós, os açorianos, tal como os restantes portugueses, vivemos tempos muito difíceis, causados por uma crise económica de enorme gravidade. Não podemos negá-lo! Não podemos deixar de ouvir os murmúrios de quem vive em grandes dificuldades.

Estou a pensar nos mais idosos, estou a pensar nos mais desfavorecidos, estou a pensar nos desempregados, estou a pensar em todos os homens e mulheres que merecem viver sem uma tão grande preocupação em relação ao futuro. Chegam-nos cada vez mais vozes de protesto. Como sempre, nem sempre os que mais se fazem ouvir são os mais necessitados.

Conheço os açorianos, o seu orgulho de ilhéu sobrevivente a séculos de abandono e exploração. Sobrevivendo a tudo, mesmo aos cataclismos que são a outra face da moeda deste nosso paraíso natural.

Sobreviveram a tudo, unidos por um forte espírito de solidariedade e uma imensa fé. Sobreviveram a tudo e ganharam o direito inalienável a algumas das melhores páginas da História deste país. Estas estão escritas e só a absoluta incúria de alguns permite que continuem a não ser lidas.

Julgo que conheço este Povo. Conheço o que foram e fizeram os seus avós e conheço e falo com os seus filhos. Por isso compreendo que a esmagadora maioria dos açorianos que vivem hoje em grandes dificuldades o façam no silêncio e na absoluta dignidade das suas casas.



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

Em silêncio contam os seus poucos recursos e retiram, em primeiro lugar, o quinhão destinado aos seus filhos, sendo que, muitas vezes - demasiadas vezes - não sobra muito mais para dividir. Tudo para garantir que os seus filhos estudem e tenham as oportunidades que eles porventura não tiveram. Tudo para os ajudar a perseguir os sonhos de uma mocidade que eles já só podem recordar com nostalgia. Sei que sempre assim foi. Sei que ainda assim é e sei que sempre assim será. Assim é o nosso Povo. Assim são os açorianos

Destes açorianos não nos chegam mais que rostos orgulhosos da sua condição, dignos no infortúnio e firmes na fé. Deles não se ouvirá e não se observará mais que esta dignidade orgulhosa e a crença imemorial que tempos melhores virão. Eles sabem que um dia a terra deixará de tremer e que o vulcão adormecerá. Eles acreditam, eles testemunharam, eles sabem que tempos melhores virão.

Eles são a tal maioria silenciosa que alguns generais da História tentaram despertar com o tilintar dos seus sabres. Em vão ... sempre em vão. Eles não falaram quando tal lhe foi ordenado pelos generais ou pelos políticos. Só o fizeram – só o farão - quando genuinamente o desejarem fazer. O espírito de um Povo é sempre livre e o do nosso é o mais livre de todos porque no nosso horizonte não estão montanhas ou cordilheiras, mas o mar. Sempre o mar.

Senhor Presidente

Srs. Deputados

Srs. Membros do Governo

Alguns, que não o bom Povo de que vos falei, perguntam-me de quem é a culpa da crise económica. Perguntam-me o que temos de fazer para vencer esta crise económica. Perguntam-me o que pensam o Governo e os políticos fazer para a vencer. Perguntam-me o que penso eu fazer.

Para mim, este não é o momento de atribuir culpas. Um dia, depois da vitória sobre a crise, chegará o momento de analisar as responsabilidades de cada um. Agora são tempos para a união e a responsabilidade. Temos de juntar as nossas energias e lutar para triunfar sobre a crise. O PPM estará ao lado do Governo e de todos os que venham por bem, em prol dos Açores.



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

Não são tempos para culpas. São tempos de engrossar as fileiras do patriotismo autonómico. O combate deve fazer-se em todas as colinas. Na protecção de cada empresa e no corpo a corpo em defesa de cada emprego. Nunca se deve dar nada por perdido. Devemos lutar por cada centímetro da nossa prosperidade. Essa deve ser a medida do nosso esforço colectivo.

Ainda assim, se perdermos aqui e ali, devemos auxiliar todo e qualquer um que perdeu o seu emprego. Ninguém pode ficar para trás. O Governo deve anotar cada baixa e fazer de cada caso uma questão de vida ou de morte. O propósito deve ser lutar até à exaustação por cada emprego. Pela recuperação do contributo de cada indivíduo para a prosperidade da nossa sociedade.

Esta não é, no entanto, uma luta que este ou qualquer outro Governo pode ganhar sozinho. A sociedade civil deve envolver-se convictamente nesta luta pela protecção aos mais desfavorecidos. Cada trabalhador deve dar o melhor de si próprio para aumentar a produtividade na nossa Região. Os empresários devem manter-se firmes na sua actividade, confiar no nosso futuro e ser solidários com os seus trabalhadores.

Cada açoriano e açoriana deve constituir-se em mais um soldado na defesa da nossa sociedade e da nossa prosperidade. Todos nós podemos e devemos ser altruístas com o nosso semelhante. Ajudar no emprego, colaborar nas instituições de solidariedade social, proteger e acarinhar os idosos, os nossos pais e avós. De certeza que podemos fazer mais e melhor do que aquilo que temos feito.

Podemos, também, dar uma ajuda ao nosso tecido produtivo. Podemos comprar preferencialmente produtos açorianos ou podemos preferir passar as nossas férias nas nossas lindas ilhas para ajudar o nosso sector turístico. O espírito tem de ser idêntico ao que o Presidente Kennedy tentou incutir na célebre frase: “Não perguntes o que o teu país pode fazer por ti, mas sim o que podes tu fazer pelo teu país”. Tem de ser esse, nas presentes circunstâncias, o nosso espírito e a nossa ambição.

Ninguém deve excluir-se do esforço que é necessário fazer. Quem está no rendimento social de inserção deve aproveitar todas as oportunidades para sair o



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

mais rapidamente possível dessa situação. Quem recebe o subsídio de desemprego deve aproveitar todas as oportunidades para regressar à actividade e não esperar que se esgote o período legal deste.

Estes mecanismos estatais de solidariedade constituem grandes conquistas civilizacionais que levaram séculos a alcançar. Têm de ser preservados, custe o que custar. Nestes tempos de crise é fácil despertar a inveja e libertar os velhos demónios do populismo. Nesta conjuntura, temos de permanecer firmes em defesa de uma sociedade solidária. Para isso é necessário combater qualquer tipo de fraude que possa existir e fazer um uso justo de uma solidariedade que resulta do esforço de todos.

Senhor Presidente
Srs. Deputados
Srs. Membros do Governo

Prossigo este discurso falando de nós, os políticos. Nestes tempos de crise somos uma espécie de filhos bastardos, fustigados pela sociedade que teima em não reconhecer a sua paternidade. Mas somos, de facto, seus filhos. Os nossos pais estão lá, entre os humildes ou poderosos da nossa sociedade. E politicamente somos os seus representantes porque eles nos escolheram ou optaram livremente por deixar que os outros escolhessem por eles. É assim a democracia.

Como afirmou Churchill: “Ninguém pretende que a democracia seja perfeita ou sem defeito. Tem-se dito que a democracia é a pior forma de governo, salvo todas as demais formas que têm sido experimentadas de tempos em tempos”. É nisto que eu acredito e acreditarei sempre.

Como representantes do Povo cabe-nos administrar a coisa pública. Verdade seja dita que os políticos portugueses e açorianos nunca tiveram muito que administrar, mas alguns pedem-nos sempre o mesmo êxito que foi alcançado pelo servo bíblico dos cinco talentos que, como sabem, os logrou duplicar.

A este, Deus concedeu o Paraíso e ao outro infeliz, que enterrou o escasso talento que lhe foi concedido, o Senhor enviou-o para as Trevas, um local onde



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

havia choro e ranger de dentes. Pois bem, é para esse último lugar que eu penso que alguns cidadãos e ex-políticos nos querem enviar.

A questão reside, para mim, na definição exacta do que nos cabe fazer nas presentes circunstâncias. A nossa função é fazer tudo o que está ao nosso alcance para ultrapassar as presentes dificuldades. O Governo deve manter o equilíbrio orçamental, potenciar o crescimento económico e reduzir e racionalizar as despesas.

A função dos deputados não é substituir-se ao Governo, mas fazer tudo para que se alcancem estes objectivos macroeconómicos, preservando os mecanismos de protecção aos mais desfavorecidos da nossa sociedade.

Vou dar um exemplo concreto. A anunciada participação da Região na GEOAÇORES – Associação Geoparque Açores. Esta decisão governamental irá aumentar, mais uma vez, os mecanismos da despesa que os contribuintes acabarão por pagar, de uma forma ou de outra.

Dir-me-ão que se trata de uma boa medida para protecção dos nossos recursos naturais e que aumentará o potencial da oferta turística da nossa Região. É verdade. Mas em momentos de crise como os que vivemos não deveriam os serviços da Secretaria do Ambiente fazer o possível e o impossível para assegurar directamente a gestão de mais esta valência ambiental? Não é um erro colocar um lastro de despesa potencialmente expansivo numa valência que deveria inserir-se no que hoje designamos como economia sustentável? Ora colocar-lhe, logo à partida, um tal lastro de despesa não é torná-la, por definição, menos sustentável?

Nós, os deputados açorianos, devemos chamar a atenção para estas incoerências porque elas prejudicam a determinação de todos. Não pode instalar-se a percepção de que aquilo que poupamos com grande sacrifício de todos acaba por vir a ser utilizado para o benefício de uns poucos. Nestas circunstâncias não é possível manter cerradas as fileiras da unidade e do patriotismo autonómico.

É aqui que cabe um papel fundamental ao Presidente do Governo Regional. É a ele, e só a ele, que cabe fazer o esforço decisivo de manter a



Representação Parlamentar
Partido Popular Monárquico – Açores

unidade de todos os integram o sistema político açoriano. Esse é, nas presentes circunstâncias, o seu desafio fundamental: passar à História como o líder que unificou os açorianos em circunstâncias difíceis ou como o Presidente do Governo Regional que era o líder do PS. Estou certo que a sua opção será a primeira, pelas mesmas razões que também me movem neste discurso: por patriotismo e espírito de serviço.

Uma nota final para o exemplo que nos é pedido enquanto primeiros representantes e servidores do Povo. Não acompanho o populismo fácil de quem tenta cair nas boas graças dos mais exaltados, dos descendentes ideológicos dos adoradores da guilhotina. Esses aprenderam, por experiência própria, que o feitiço acaba, quase sempre, por se virar contra o feiticeiro.

Mesmo assim considero que as reduções dos nossos salários deveriam ser, nesta fase, mais significativas. Não pelo resultado final da poupança – insignificante no cômputo geral – mas como exemplo de absoluta determinação em triunfar sobre a crise. Para o bem e para o mal temos de estar sempre na primeira linha da actuação cívica e isso inclui os sacrifícios que é necessário realizar, nas presentes circunstâncias.

Senhor Presidente
Srs. Deputados
Srs. Membros do Governo

A minha convicção inabalável é que, no final tudo, triunfaremos ... como sempre. Somos parte de uma velha Nação. Tão velha que parece imortal. Tão velha que, “por actos valorosos, da lei da morte se libertou”.

Disse!

Horta, 20 de Maio de 2010

O Deputado
(Paulo Estêvão)